

Mulheres viajantes no século XIX*

Miriam Lifchitz Moreira Leite**

Resumo

A partir de um estudo sobre a minúcia na História da Arte, este artigo focaliza as autoras dos livros de viagens, procurando identificar, no momento em que vieram ao Brasil, seu papel, as diferenças existentes entre elas, os distanciamentos e descontinuidades de significado apresentados em seus testemunhos.

Palavras-chave: Mulheres Viajantes, Livros de Viagens, Amadoras e Profissionais.

* Recebido para publicação em novembro de 2000.

** Coordenadora do projeto “Imagem em Foco”, Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, Departamento de Antropologia, USP.

Mulheres viajantes no século XIX

Women Travelers in the 19th Century

Abstract

From a study about minutiae in History of Art, this paper focus upon the woman authors of travel books, trying to identify, at the moment at their arrival in Brazil, their role, their difference, the distance and discontinuities of meaning presented in their accounts.

Key words: Women Travelers, Travel Logs, Amateurs and Professionals.

<u>1817/ 1820</u>	<u>Rose de Saulces Freycinet¹</u>	<u>1865</u>	<u>Elisabeth Cary Agassiz</u>
<u>1821</u>	<u>Maria Graham</u>	<u>1870</u>	<u>Carmen Olivier de Gelabert²</u>
<u>1835</u>	<u>Langlet Dufresnov³</u>	<u>1872/ 1873</u>	<u>Marianne Moore</u>
<u>1843/ 1844</u>	<u>Baronne E.de Langsdorff</u>	<u>1876</u>	<u>Annie Brassey</u>
<u>1846</u>	<u>Ida Pfeiffer</u>	<u>1881</u>	<u>Ina von Binzer</u>
<u>1851</u>	<u>Adèle Toussaint-Samson⁴</u>	<u>1886/ 1888</u>	<u>Marquerite Dickens⁵</u>
<u>1857</u>	<u>Virginie Leontine B...⁶</u>	<u>1888</u>	<u>Teresa da Baviera</u>
<u>1858</u>	<u>Isabel Arundel Burton⁷</u>	<u>1889</u>	<u>Marie Robinson Wright</u>
<u>1860</u>	<u>Marie Barbe van Langendonck⁸</u>		

¹ FREYCINET, Rose de Saulces. *Journal de Mme. Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagné de notes*. Paris, Sociétés d'Editions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.

² GELABERT, Carmen Olivier de. *Viaje Poética a Petrópolis, escrito em espanhol*. Rio de Janeiro, Imprensa del Apostol, 1872.

³ LANGLLET DUFRESNOY, Mme. *Quinze ans au Brésil*. Bordeaux, Imprimerie de G. Chariol, 1861.

⁴ TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Viagem de uma parisiense no Brasil. Estudo e Crítica de Mme. Toussaint Simon (sic)*. Trad. de ^aA.E.C.C, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Constitut.de J. Villeneuve & Cie.,1883.

⁵ BURTON, Isabel Arundel. *The Life of Captain Sir Richard F. Burton*. 2 vols. London, Chapman & Hall, 1893.

⁶ VIRGINIE LEONTINE, B. *Lettres Inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses littéraires*. Evreux, Imprimerie Lithographiques de Monnier, 1872.

⁷ DICKENS, Marguerite. *Along shore with a man of war*. Boston, Mass., Arena Publishing Company, 1893.

⁸ LANGENDONCK, Marie Barbe van. *Une Colone au Brésil. Récits Historiques*. Anvers, Imp. L.Gerrits, 1862. Existe uma tradução de Dora Lindenberg van Langendonck, publicada em Campinas, Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica, 1990.

As datas que ladeiam o nome das autoras não são as que serão encontradas nas publicações, nem em suas traduções. Correspondem ao ano ou anos que estiveram no Brasil. A partir da hipótese de que as primeiras impressões sobre o lugar a que vieram aportar são as que impregnam as subseqüentes, e como muitas das obras foram publicadas após a morte das autoras, pareceu-me que a data de chegada ao Brasil era significativa para situar os testemunhos, nas condições de vida brasileira.

Em minhas observações anteriores sobre Mulheres Viajantes⁹, a focalização foi feita sobre a população feminina encontrada no Brasil. A comparação entre as características dos livros, a data de chegada ao Brasil e as singularidades de suas vidas funcionaram como um crivo crítico do conteúdo e da forma de suas obras.

Agora, a focalização transferiu-se para as autoras, como tais, procurando verificar seu papel, no momento em que vieram para o Brasil, bem como para as diferenças e semelhanças entre elas, os distanciamentos e descontinuidades de significado que apresentam em seus testemunhos. O estudo que vem sendo feito sobre a minúcia, na História da Arte, veio acrescentar um ponto importante à percepção e à observação, ao relacionar a minúcia aos diferentes dados, transformando-a num sintoma visual produtivo.

A principal semelhança entre os livros das mulheres viajantes é a grande capacidade de observação, que ultrapassa as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentaram, através do século XIX. Sejam elas modistas, que vinham “fazer a América”, turistas, jornalistas, professoras, acompanhantes ou cientistas, provenientes dos países europeus ou dos Estados Unidos, todas têm grande cuidado e atenção às condições da vida do dia a dia, quando comparam

⁹ MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres e Famílias. *Revista Brasileira de História*, n° 17; e SCHPUN, Mônica Raísa. (org.) *Gênero sem Fronteiras*. Florianópolis, SC, Editora Mulheres, 1997, pp.24-43.

situações vividas, no local de origem, com aquelas que procuram descrever e interpretar.

Quando Alexandre Humboldt traçou o projeto de exploração e mapeamento do globo e dos continentes, no fim do século XVIII, enumerou a necessidade de estudo das plantas, dos animais e dos minerais, mas também dos homens, costumes e línguas encontrados. A maioria dos viajantes foi inspirada por esse projeto global de pesquisa, mesmo quando tinham propósitos políticos mais explícitos. Dentro da ambição de europeização do mundo, floresceram as Ciências Naturais, que inicialmente abrangiam a História da Natureza, em que as Ciências Sociais deram seus primeiros passos.

Os livros destas mulheres viajantes foram escritos sob as formas de correspondência à família ou amigos, de diários ou ainda como narrativas breves. Nunca chegaram a ter o volume dos viajantes, com cinco e até mais volumes, principalmente nos casos das viagens de circunavegação. A maioria delas não tinha a intenção de ser publicada. A publicação foi feita por descendentes, após a morte da autora. Os diários foram freqüentes, tanto entre homens quanto entre mulheres, constituindo parte das recomendações a naturalistas, a manutenção e a revisão dos diários de campo, no decorrer da viagem.

O interlocutor da correspondência ou do diário de muitas viajantes era alguma pessoa da família ou os diferentes amigos. Mas Maria Graham e Ida Pfeiffer, na primeira metade do século XIX, já se dispunham a enfrentar o público leitor europeu. E autoridades brasileiras. No caso de Ida Pfeiffer, ela acabou conseguindo financiar algumas das viagens com o resultado dos livros escritos e traduzidos para diversas línguas. Annie Brassey, viajando com a família, era escritora de sucesso e, com as descrições do brilho das cores no Brasil atraiu Ina von Binzer para vir trabalhar em São Paulo e no Rio de Janeiro. Como os viajantes, elas eram autoras e leitoras de livros de viagem.

Recusando o papel prescrito para as mulheres, de ser submissa e conservarem-se restritas a atividades domésticas e à

criação de filhos, as forasteiras assumem os riscos de vida das longas viagens marítimas, das moléstias tropicais, dos desconfortos e estranheza dos contatos, dos desentendimentos em países atrasados com uma curiosidade e uma capacidade de observação penetrante, enfrentaram tarefas freqüentemente auto-impostas.

Conscientes de estar penetrando em terreno masculino, aceitam em suas obras, as regras do jogo estabelecidas na literatura de viagem e as formas já consagradas. Apenas uma delas, exatamente a que já era uma naturalista profissional, no final do século XIX, é que se atreve a discutir as desvantagens do modelo de diário. Trata-se de Teresa, princesa da Baviera, que passou os 75 anos de sua vida dedicada a estudos de História Natural, em diversos pontos do globo. Em 1888, com uma dama de companhia, um mordomo e um criado taxidermista, veio conhecer os trópicos, visitar tribos de índios e colecionar plantas, animais e objetos etnográficos.

Já no século XX, a desenvolvida capacidade de observação necessária para esse trabalho é apresentada com grande lucidez por uma antropóloga das mais conhecidas.¹⁰

Estou mais consciente das condições de trabalho de campo nesta expedição, por que pela primeira vez desde minha primeira viagem a Samoa, quarenta anos atrás, estou só, sem colaboradores, nem na mesma, nem na aldeia próxima. Isso e o fato de que uso só uma câmera, um caderno e um lápis, em vez de toda a complexa parafernália da equipe de campo moderna, transferem-me ao próprio âmago do trabalho de campo: uma pessoa, completamente só, diante de uma comunidade, equipada principalmente com uma maneira de ver as coisas. Espera-se que, de algum jeito, o pesquisador capte como um todo o essencial de uma maneira estranha de viver e retorne com um registro compreensível para outros que, provavelmente, nunca a encontrarão tão viva na realidade.

¹⁰ MEAD, Margaret. A Way of Seeing in Morris & O'Connor. *The Virago Book of Women Travellers*, [1901] 1978, p.275.

Nem todas as viajantes apresentaram essa capacidade de ver que Margaret Mead descreve para o trabalho de campo, mas uma capacidade de observação de minúcias da vida cotidiana dos locais visitados, em muitos casos, supre uma formação profissional que a maioria não teve. Cabe lembrar que muitas delas viviam em ambientes de grande valorização do conhecimento científico e artístico, com contatos pessoais com Charles Darwin, como no caso de Marianne North, que não deixou um livro de viagem, mas depositou no Jardim Botânico de Kew, em Londres, toda a sua galeria de flores tropicais, que pintou em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

No caso de Teresa da Baviera, a viagem foi feita em condições especiais, pois tratava-se da prima de D. Pedro II, e contou com a colaboração de cientistas como Emil Goeldi e Orville Derby. Ainda assim, teve a oportunidade de observar que os brasileiros são rápidos em prometer e duvidosos em cumprir. A intenção de complementar a geografia de animais e plantas viu-se acrescida de uma parte histórica, pois, com a proclamação da República e a deportação da família imperial, o que a princesa presenciara na Corte não poderia mais ser observado.

Seu livro contém dois mapas, quatro tabelas, 18 quadros completos e 60 reproduções de fotografias e desenhos da Autora. Mas só foi publicado em Berlim em 1897, pois precisou cinco anos após a viagem para a verificação das plantas e animais vistos e coletados e para a comparação dos objetos etnográficos com os dos diferentes museus europeus, após estudos minuciosos de cada objeto na literatura referente. Para completar esses estudos esteve em Paris, numa exposição de cerâmica antiga do México e na América do Norte para conhecer tribos diversas de índios do Canadá ao sul do México. Declara que foi ainda prejudicada pelos novos pontos de vista sobre as Ciências da Natureza, que a obrigaram a novas e detidas revisões.

É esta cientista, a única das viajantes que pôs em questão a forma de diário, no Livro de Viagem, como pouco adequada para o seu trabalho. Essa forma impede uma visão de conjunto das

impressões e de utilizar experiências recebidas ou completadas posteriormente. Quando tomou consciência das desvantagens da forma, a obra já avançara demais para ser recomeçada e permaneceu como começara. E não foi traduzida para o português.

Jane Robinson¹¹ autora de uma bibliografia anotada de Mulheres Viajantes principalmente inglesas, atreve-se a generalizar que os livros de viagem masculinos estão em busca do *que* e *onde*, enquanto os das mulheres voltam-se para o *como* e o *porque*. Prefiro verificar que entre uns e outros existem amadores e profissionais.

Keith Thomas foi quem chamou a atenção para essa classificação.¹² Mostra como desde fins do século XVIII havia estudiosos amadores de história natural. Que as mulheres de classe média com algum lazer dedicavam-se a esses estudos e publicaram livros sobre botânica e ornitologia. Os médicos e tradicionalmente as mulheres conservavam seu interesse no uso medicinal das plantas e entomologistas estudavam insetos a fim de aprender como destruir pestes resistentes. Mas além das necessidades práticas, combinavam o impulso religioso, a curiosidade intelectual e o prazer estético. No início do século, a história natural não se tinha profissionalizado e ainda era uma atividade de amadores.

Quando Ignatius Urban publicou, bem depois da morte de Martius, a *Florae Brasiliensis* suas *Notae Collaboratorum Biographicae* estas incluíam além de cientistas renomados, um grande número de botânicos amadores. Havia também um Gabinete de História Natural diretamente ligado à princesa Real, responsável direta pela vinda dos naturalistas europeus de língua

¹¹ ROBINSON, Jane. *Wayward Women – A Guide to Women Travellers*. Oxford, New York, Oxford University Press, 1990.

¹² THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural (Mudanças de Atitude em Relação às Plantas e aos Animais (1500-1800))*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp.102,334-336. (Tradução: João Roberto Martins Filho.)

alemã, de acordo com manuscritos do Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro.

Essas indicações sobre a profissionalização dos cientistas através do Século XIX¹³, sugeriu a tentativa de classificação das mulheres viajantes em amadoras e profissionais, já que todas elas faziam coleções de plantas, animais, conchas ou pedras, mas, dadas as suas contribuições¹⁴ sobre família, compadrio, maternidade, infância, conventos e recolhimentos, trabalho, condições de diferenciação, relações entre grupos étnicos e nacionais, descrições de cerimônias, festas, costumes funerários e religião, podem ser consideradas como antropólogas iniciantes. Afora Maria Graham (1785-1842), a baronesa Émile de Langsdorff (1812-?), Ida Pfeiffer (1795-1858), Elisabeth Cary Agassiz, Annie Brassey (1839-1887), Ina von Binzer (1856-1916), Marie Robinson Wright e Therese, prinzeßin von Bayern (1850-1925), que seriam naturalistas, jornalistas e escritoras, as demais, seriam as amadoras.¹⁵

¹³ MOREIRA LEITE, M. L. *Livros de Viagens (1803-1900)*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.

¹⁴ MOREIRA LEITE, M. L., MOTT, Maria de Lucia de Barros e APPENZELLER, Bertha Kauffmann. *A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX (Um índice de referências em Livros de Viajantes Estrangeiros)*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982.

¹⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822, 1823*. Trad. e notas: Américo J. Lacombe, 1956. LANGSDORFF, Baronne E. de. *Journal de la Baronne E. de Langsdorff relatant son voyage au Brésil à l'occasion du mariage de SAR. Le Prince de Joinville 1842-1843*. Paris, Les Amis des Musées de la Marine, 1954; PFEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*. Trad. de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par W. de Suckau, Paris, Librairie L. Hachette, 1858; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Belo Horizonte, Itatiaia/Edusp, 1975; BRASSEY, Annie. *A Voyage in the Sunbeam – our home on the Ocean for eleven month*. London, Longsman, Green and Co., 1878; BINZER, Ina von. *Alegrias e Tristezas de uma Educadora Alemã no Brasil*. Trad. de D. Alice Rossi e D. Luisita da Gama Cerqueira, São Paulo, Ed. Acnhembi, 1956; WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil; its resources and attractions, Historical, Descriptive and Industrial*. Philadelphia, George Barrie & Son, s/d [1901].

Note-se que em alguns casos as autoras acabam sendo personagens mais interessantes que seus livros. É principalmente o caso de Ida Pfeiffer, uma dona de casa vienense, mãe de dois filhos que, após a morte da mãe, realizou seus sonhos infantis de ver o mundo. Estava com quarenta e cinco anos de afazeres estafantes e aulas de música. Durante dez anos estudou com obstinação os nomes dos rios, das montanhas e meridianos e paralelos. Depois de muitos cálculos e preparativos secretos, em 1842, Ida Pfeiffer partiu para quinze anos de peregrinações pelo mundo, intercaladas por retornos a Viena, para descrever suas aventuras e preparar a nova viagem. Para isso, vendeu o que possuía, e pediu subscrições e comissões, acabando por receber passagens gratuitas nas companhias de navegação e nas estradas de ferro, quando suas descobertas ficaram mais conhecidas.

Levava apenas um saco e uma bolsa mais carregada de cartas de recomendação, entre as quais uma de Humboldt, que de dinheiro. Alojava-se onde conseguia, ficando mesmo ao relento, tendo por único luxo um pequeno travesseiro debaixo do casaco. Suportava o frio e o calor com a mesma roupa comprida e fechada até o pescoço, cheia do pudor das mulheres de meia idade do século XIX. Andou de barco, piroga, mula, camelo, elefante, palanquim semanas a fio.

Corria todos os riscos sem temor, animada por uma energia rara e uma vontade de ferro. Considerava que embora fosse mulher e idosa, não tinha preconceitos e superstições. Limitava-se a narrar o que via, sem carregar nas cores. Como muitos de seus contemporâneos tinha o sentimento de superioridade cultural de européia e assumia a responsabilidade de salvar do atraso os outros povos. Expressava os valores da vida cotidiana dos pequenos negociantes austríacos, do início do século XIX – um culto ao trabalho e à família, desprezo pela sensualidade, repugnância pela sexualidade, confiança no progresso e no cristianismo. Horrорizava-se com a feiura, a indecência e o fanatismo dos outros povos.

Enfrentou bandidos e conspirações, febres, insetos, exaustão, temperaturas e unidade extremadas desde a primeira viagem à Terra Santa, partindo do Rio Danúbio para Constantinopla e depois, afastando-se dos roteiros turísticos, como nas selvas de Celibes ou nas montanhas do Peru. Em Borneu, coberto de florestas virgens só possíveis de penetrar pelos rios, onde muitos dos aborígenes nunca tinham visto um homem branco, teve grande satisfação em escalar montanhas escorregadias cobertas de densa vegetação entrelaçada de parasitas, espinhos e insetos. Não se deixou desencorajar pela descrição de lagartos gigantescos e tribos ferozes, com casas ornadas por guirlandas de trinta e seis crâneos.

Para evitar guerras tribais e conspirações políticas enfrentou surpresas e um calor de 40° com umidade de 100% com febre e alucinações que nunca foram completamente estancadas. Na sua última viagem – a Madagascar – não tinha mais a mesma disposição. A idade e as enfermidades aumentaram a amargura de suas observações. As febres não permitiram que continuasse a saciar o desejo de conhecer outras paragens. A febre de Madagascar acabara produzindo um câncer no fígado antes de voltar a Viena. Suas obras não foram traduzidas para o português.

Mas tornou-se membro honorário da Sociedade de Geografia de Paris e de Berlim e da Sociedade de Zoologia de Berlim e de Amsterdã.

É muito diferente o caso de sua contemporânea, a baronesa Émile de Langsdorff. Trata-se de uma autora extremamente culta e sensível às relações interpessoais, que veio cumprir uma delicada missão de acompanhar o marido, ministro plenipotenciário da França, para casar o príncipe de Joinville à princesa Francisca, irmã de D.Pedro. Demonstrou em seu diário, recentemente traduzido pela Editora Mulheres, de Florianópolis, uma curiosidade e uma atenção ao seu dia a dia de tal acuidade, que veio a merecer uma publicação póstuma, cento e onze anos depois de escrito, dos Amigos dos Museus da Marinha. Suas minuciosas narrativas sobre os últimos tempos da navegação a

vela constituem apenas um dos pontos altos do livro dessa mulher, inteiramente consciente de seu papel de mulher de um embaixador, escondida sob o nome do marido.

Esse diário, além de ser uma leitura agradável, refere-se aos diferentes poderes e formas de hierarquia a que está sujeita, mas também os poderes de que dispõe diante da princesa provinciana e órfã deixada no Brasil pelos pais. Seu convívio com a família real é apresentada com leveza e ironia, constatando com grande lucidez suas qualidades e defeitos.

Quanto à escravidão, acreditava, como inúmeros europeus, que ela civilizaria os africanos selvagens que, do contrário, seriam como crianças abandonadas sem noção de propriedade e de leis. Diante das negras com que teve contato no Brasil, ficou perplexa ao perceber que eram moralmente iguais aos brancos que as tinham criado, tanto que eram consideradas brancas por suas senhoras.

A riqueza do diário e da documentação oficial que lhe foi anexada deixa explicitado o caráter contratual do casamento nas famílias reais. A princesa Francisca de Orleans e Bragança e o príncipe de Joinville cumprem, com o casamento, regulamentado e negociado entre representantes oficiais das partes, funções que lhes são estabelecidas.

As viagens no Ville de Marseille e na fragata real, além da mal conhecida e precária vida cotidiana em veleiros, apresenta o comportamento e as preocupações de uma camada social vista de seu interior e descrita com muita agudeza.

Este diário merece as reflexões de George Seferis sobre os seus¹⁶:

Estive pensando quais de nossos escritos são de fato nós mesmos e quem pode dizer quais são eles. Às vezes, uma palavra ou correção pode revelar muito, às vezes tudo o que escrevemos deve ser visto em conjunto e contudo, tudo

¹⁶ *Times Literary Supplement*, 20 de outubro, 2000, centenário do poeta George Seferis.

isso depende do caráter do autor e do crítico. (...) reflito que nunca consideraria estas notas apressadas como mais representativas que outros textos meus. Além disso, ao conservá-las, não estou acima de todos interessados em anotar as coisas importantes (o que quer que isso queira dizer), mas sim, as coisas imediatas, espontâneas, as que me chamaram a atenção.

Antes da Abolição da Escravatura, uma jovem solteira de 22 anos veio iniciar sua vida profissional no Brasil e depois publicou trinta e sete cartas escritas de 1881 a 1883, do Rio de Janeiro, da fazenda São Francisco, de São Paulo, da Fazenda São Sebastião e de Santos à amiga e colega Grete, sob o despretencioso título de *Alegrias e Tristezas de uma Educadora Alemã*.

O livro esperou sessenta e nove anos para ser traduzido para o português, encontra-se em terceira edição e é apresentado no *Dicionário de Poetas e Prosadores* de Franz Brümmer (1913) como de uma professora e escritora de três livros, sendo o que foi escrito no Brasil, um romance epistolar, onde adotou o pseudônimo de Ulla van Eck.

O livro pode, de fato, ser lido como um romancinho de moças, pois termina com um final feliz, de um encontro bem dosado da professora alemã e solitária com o engenheiro industrial inglês, pouco loquaz e de lindos olhos azuis. A espontaneidade e a leveza do texto contém muito mais que isso, pois a autora combina o talento de escritora culta a uma sede de conhecimento bifronte – relativa ao ambiente e aos desconhecidos que vai encontrando e às suas reações às novas experiências. Observa que

nós, as professoras, levamos vantagem em relação aos comerciantes e outros europeus dentre os quais muito poucos se afastam das cidades marítimas, e a maioria depois de 10 ou 20 anos retorna à Europa sem conhecer o resto do país e muito menos a vida real dos brasileiros, ao passo que, convivendo na intimidade deles, temos ocasião de observar de perto toda a trama.

Mesmo tendo observado anteriormente, que ao procurar emprego no *Jornal do Commercio* encontrou a exigência de professoras com imensa capacidade e inúmeras perfeições entre anúncios de pretos fugidos e venda de escravos.

Refere-se modestamente ao seu gabinete de naturalista, dizendo que os pretos ficam radiantes de lhe trazer o que conseguem achar para “a professora que gosta de bichos feios”. E que é vítima da mania colecionadora, não respeitando nem o mau cheiro das algas marinhas e das conchas em putrefação.

Achou muito emocionante escutar as palavras da *Bíblia*, que se acostumara a associar às aulas de catecismo e aos lugares santificados da igreja, dentro daquele ambiente, nessa cabana de barro, neste cenário tropical tão despido de exterioridades e de comemorações sacras.

Ao se horrorizar com os bombardeios de fogos da festa de São João chega a se perguntar: “Estará certa essa manifestação de boa índole ou seremos nós disciplinados demais?”

Um profundo interesse pelo problema da escravidão e do trabalho livre transparece por todo o livro, nas cidades e nas fazendas que, além de considerar seus paradoxos e aspectos incompreensíveis para o europeu levam a moça a meditar no escravo, como pessoa humana, uma pessoa infeliz que “até depois de morta era enxotada do convívio dos outros mortais”.

Muito curiosa é sua referência à República, como uma subversão responsável pela má educação dos jovens. Ao verificar que seus métodos pedagógicos alemães são inúteis para educar meninos brasileiros rixentos, descreve suas “desdidas” para enfrentar os “meus romanos”, os filhos de Martinho Prado Júnior, chamados de Fábio, Cícero, Gabriela, Olímpia, Emília, Lavínia, Caio, Túlio, Plínio, Cornélia e Clélia.

O conhecimento, através de outras fontes, do contexto político e social em que foram escritas essas cartas, permitem melhor compreensão das conotações e denotações claras, às vezes, apenas à interlocutora. É possível que a forma epistolar de um possível romance, contivesse também uma das formas de

Miriam Lifchitz Moreira Leite

ocultamento das autoras do século XIX, por transgredirem os padrões de modéstia, discrição e recato da mulher respeitável. Pois ela penetrou além do mundo das aparências, problematizou questões aparentemente corriqueiras, fazendo um inventário descritivo de situações e de falas que lhe serviram de acesso à compreensão da realidade estranha com que estava convivendo.